

QUARTA-FEIRA
Lisboa--21 de Maio--de 1930

5 *sempre* **IXES**

4.º ANO - 5.º

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

209



sempre
fixe *semanário*
fumorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

No Tribunal de Santa Clara



D.º SIMÃO JOSÉ
meritissimo e simpaticissimo Juiz Presidente
(vai aplicar-me a pena maxima por fazê-lo
tão feio?..)

D.º ROCHA FERREIRA
Fino e transparente
como cristal de
rocha - Ferreira
(mas não quebra
está sempre
integerrimo)

O D.º FIALHO, como não ouve bem,
é, ás vezes, desconfialho.

- Ora que
espiga que
me havia
de cair
em
casa!

D.º STOCKLER
Bigodeira e
justiça em riste
para a estocklada
final

D.º ANTONIO BOVRBON
Se lhe faltarem
argumentos de
peso, atira com
as suas 15 arrobas
e mais um quintal
(Nobrega) para
cima da
acusação

D.º BARBOSA DE MAGALHÃES
- O meu nariz
não rima com o
d'este colega. Não
admira: ele é da
defesa, e eu sou
da acusação

D.º ANTONIO OSORIO.
Ólho aberto,
acusação
cerrada.

Notas comicas a proposito de notas clandestinas.



Os ditos da semana



A parteira do regimento

Muito pode o destino. Ora veja o leitor amigo e diga nos se não ha pessoas que nasceram numa fole:

Berlim, 15. - Dizem de Belgrado que estando a Rainha Maria da Jugo Es-lavia a uma das janelas do Palacio de Dodingen tendo nos braços o filho segundo chamado Tomislav, de dois anos e meio, este com um movimento inesperado desprendeu-se dos braços de sua mãe despenhando-se no espaço. Aos gritos desta, uma sentinela do Palacio que se encontrava justamente por baixo, largou rapidamente a espingarda e conseguiu apanhar a criança nos braços sem a menor bolsecadura.

O rei Alexandre, concedeu ao salvador de seu filho uma recompensa imediata de 30.000 dinares, uma decoraçao e uma pensao vitalicia. - Especial

Aos outros cae-lhes uma pedra sobre a cabeça, ou uma bala numa perna, e este cae-lhe um principe nos braços, trazendo ja dentro dum saquinho, maior do que ele, 30.000 dinares, uma licença para toda a vida e mais seis moedas e uma pensao vitalicia.

Aquele soldado saiu-lhe a sorte grande sob a forma dum principe traquina que, sendo ainda de mama, já é um principe com sorte, e fica a gente sem saber quem foi mais feliz, se o soldado, para quem chovem meninos, se o menino a quem Deus, sob a forma de soldado de cavalaria, põe a mão por baixo.

Mé agora, com grande gaudio dos talassas, conservava o sr. dr. Monso Costa o exclusivo de sair pela janela, mas eis que um principe balcanico, lhe arrebatou o record, tão certo é que, entre monarchicos e republicanos a luta se mantem encarniçada.

O peor é que o pobre soldado que a sorte batejou, nunca mais teve um momento de socego.

Apenas ao regimento chegou a boa nova, foi um alvoroço e o pobre rapaz, que tinha aparado o menino, foi recebido aos vivas dos camaradas:

- Viva a parteira real.

- Viva a parteira do regimento.

Monumentos

Lisboa é a terra das meias medidas, dos meios monumentos, como era antigamente das meias portas.

O monumento de Antonio José da Silva, o Judeu, não passa do pedestal.

O monumento da Guerra Peninsular, arrançou uma cadeira e sentou-se. Nunca mais

dá um passo. Já não passa dali.

O monumento de Vasco da Gama, jaz enterrado em Bellem. Esse nem rebentou a flôr da terra.

O monumento do Marquez de Pombal lá vae andando depois de uma longa paragem de anos, mas esse não podia deixar de parar porque o colocaram na Rotuda, onde ha duas paragens-zonas, que é como quem diz—obrigatorias.

Em compensação, para que a sociedade contemporanea, que já perdeu as esperanças de os ver inaugurados, não fique com a agua na boca vão-se inaugurando aos bocadinhos.

Do Judeu deram-nos o pedestal. A gente chega lá e imagina como aquilo será depois de acabado.

Da Guerra Peninsular proporcionam-nos um belo naco, inaugurado numa noite de inverno pela ventania.

E dos outros vão-se fazendo inaugurações parciais, conforme se vae montando uma pedra, uma coluna, uma figura, para que os architectos não morram sem assistir á consagração da sua obra.

Agora até já se iluminam de noite para aproveitar o tempo, para que sejam vistos por aqueles que não puderam passar de dia junto deles.

Depois, quando um dia forem monumentos acabados, acontece com eles o que acontece com alguns namorados: quando chegam a casar já não encontram novidade nenhuma.

A primavera Chegou finalmente a primavera. Já não ficam por mentirosas as andorinhas que tinham vindo adiante, anunciar ás gentes que a primavera não tardava ai.

Alegra nos a reabilitação

Dr. Loureiro Marques Dinís



Advogado, pianista, compositor e violonista, Dr. Loureiro Marques Dinís, os louros pelos seus estudos, que lhe valeram a honraria de «ataca» notas musicais, e se acue, «toca rabeça» nos arguidos, com tal arte, que estas até pedem «bis».

das andorinhas, mas ainda nos agrada mais largar um sobretudo velho, incapaz de qualquer reabilitação.

Ha uns snobs que já se queixam de calor sem se lembrarem de que Portugal, além de ser um paiz essencialmente agricola é o paraiso terreal, em materia de clima. Isto está dito e redito e nisto se cifra toda a nossa obra de turismo. E senão é dar uma volta pela cidade, e observar os homens celebres que vivem na Praça Publica, que quer chova, vente ou faça sol—o Dom José I, o Saldanha, o Duque da Terceira, o Afonso de Albuquerque e tantos outros. Nenhum deles, sem abrigo e sem guarda chuva, é capaz de se queixar de calor. Antes pelo contrario se apresentam todos verdes. E até o cavalo do D. José, que era branco, reverdeceu.

Calor? Sempre ha gente tão estúpida que não é capaz de entender aquilo que os proprios cavalos entendem.

Bairro Regional Vae fundar-se o «Bairro Regional», que será uma especie de concentração de todos os gremios regionaes existentes em Lisboa. A ideia é magnifica e de facil realisção, tanto mais que não é coisa que já não exista.

As diversas colonias provincianas que ha em Lisboa, á custa de muito trabalho, muita tenacidade e até de muitos sacrificios, conseguiram isolar-se, cada uma dentro do seu gremio, dentro da sua casa, diferenciados pelos seus caracteres pelos seus costumes e pelas suas aspirações, porque não lhes agradava este grande gremio comum, onde todos nós vivemos, que é a mui nobre e leal cidade de Lisboa.

Fizeram-no para não haver confusões—amigos, amigos regionalismo á parte—e agora volta-se á primeira forma. Mas o «Bairro Regional» é esta mesma cidade de Lisboa, mui nobre e mui leal, desde que, se a historia não foi feita por caluniadores, Ulisses um dia fundou e começou a edificar e todos nós procuramos destruir, cada qual na medida das suas forças.

Ora agora torna a baralhar tudo outra vez. Mas isso já estava feito, repetimos, era Lisboa. Ou vae fundar-se uma nova Lisboa, para estabelecer correspondencia á Nova Lisboa de Angola?

THEATRO

«RETROZ PRETO...»



JOAQUIM ALMADA—Um dos mais fortes temperamentos de artista desta geração, que amanhã realiza a sua festa no Gimnasio com a peça «O Papá».

FINAL, para onde vai, no proximo inverno, o actor-empresario E. B.?

Fica no G. ou trabalhará em S. C.?

A Imprensa ora diz uma coisa, ora outra. Será dos jornais ou será da desorientação que paira sobre aquela companhia que dura ha quasi dez anos?

E se se entrasse no bom caminho, com criterio, orientação e intelligencia?

Todos teriam a ganhar, desde o teatro declamado aos pobres artistas, cuja vida é um barco a reme, largado no mar alto...

Será por isso que o E. B. se associou á festa da Paz?

PAPA' Almada é festejado amanhã. E' dos artistas da chamada moderna geração, um dos que mais marcou o seu lugar. Tem valor e muito ha esperar do seu talento artistico. Almada vai interpretar o protagonista do «Papá», ou seja o proprio papá... E como, com o papá não se brinca, ha que respeitá-lo... como respeito temos

pela sua posição dentro da companhia onde trabalha... Abraçamo-lo pela noite da sua festa...

A PROPOSITO daquelas historias que contamos, duma «troupe» de pateantes pedem-nos para aqui se dizer, que o tal filho dum conhecido actor não concorda com os actos praticados pelos seus colegas, tanto mais que também se considera artista... Fica feita a vontade mas lembramos-lhe o antigo adagio:

«Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele».

AINDA temes a zarzuela em acção e já se fala na vinda de mais espanhóis...

Não seria tempo de acabar—pelo menos esta época—com tanta castanhola?

HA atitudes que se não compreendem...

Determinada actriz errou entre nós a protagonista duma peça

que teve grande exito. A peça deu cerca duma centena de representações seguidas. De vs disse voltou á scena, noutra teatro, mas já sem successo... As casas eram menos do que fracas. Pois bem. Agora, passado tempo, um artista doutra companhia, que também representou a peça no Brasil desejou interpreta-la na noite da sua festa. Dirigiu-se á determinada actriz, e com surpresa, foi-lhe negada essa autorização. Por que razão? Não atinamos... Terá medo do confronto? Recará o quê? Ha de haver um motivo, e forte, pois que a citada actriz é infelizente... Se calhar, como diz o outro, é por isso mesmo...

PERDEU a vida em terras africanas um actor que tinha nome e grandes qualidades. Era um apaixonado pelo teatro.

Desapareceu em plena mocidade, cheio ainda de illusões... Foi primeiro premio de tragedia no Conservatorio. E tragedia foi sempre a sua vida em bastidores. Foi empresario... e chegou a ter a sua hora. Depois cahiu novamente. Voltou a contratar-se, a andar pela provincia.

Com a sua morte desaparece um grande amigo do teatro, que a ele dedicou anos de trabalho e de sacrificio... para afinal morrer em Africa quando—dizia-nos numa carta escrita em principios de abril—artistica e financeiramente ia levando aquela cruz ao calvario... Coitado!

DIZEM-NOS—e nós não afirmamos— que o sonoro, entre nós, tem feito pouco successo. Não sabemos. O que sabemos é que chamam ao aparelho que funciona no antigo T. P. o «Pereirofone». Não percebe bem porque, pois de cinema, só conhecemos—o ruído, e ga...

OS artistas de revista—ou seja do género ligeiro—andam de teatro em teatro. Tão depressa representam aqui, como ali. A estabilidade, em teatro, é, no momento actual, uma coisa rara.

O publico chega a perder-se. —Faltou de minha ordem estava naquilo e já hoje aparece neste?

E como esta, outras perguntas, que desorientam o publico e fazem com que deixe de fixar o artista e deixe até de se saber onde ele representa de verdade.

OS termos ordinarios, na conversa de todos os dias, vão-se empregando cada vez mais. Chega-se até ao habito de se falar calão sem querer. Qual uma das causas? A linguagem empregue, principalmente, nas revistas. Numa delas, das que estão em scena, ouve-se a palavra *chulado* e derivados, mais de vinte vezes, nas duas horas de representação.

E' demais... Tanta *chaldice*... Não exigimos, claro está, que se fale português diplomatico, o portuques dos salões. Mas um pouco mais de cuidado não fazia mal a ninguém. Pelo contrario...

O HOMEM DAS 5 HORAS.

SCENAS DA SCENA

Vocalisações...

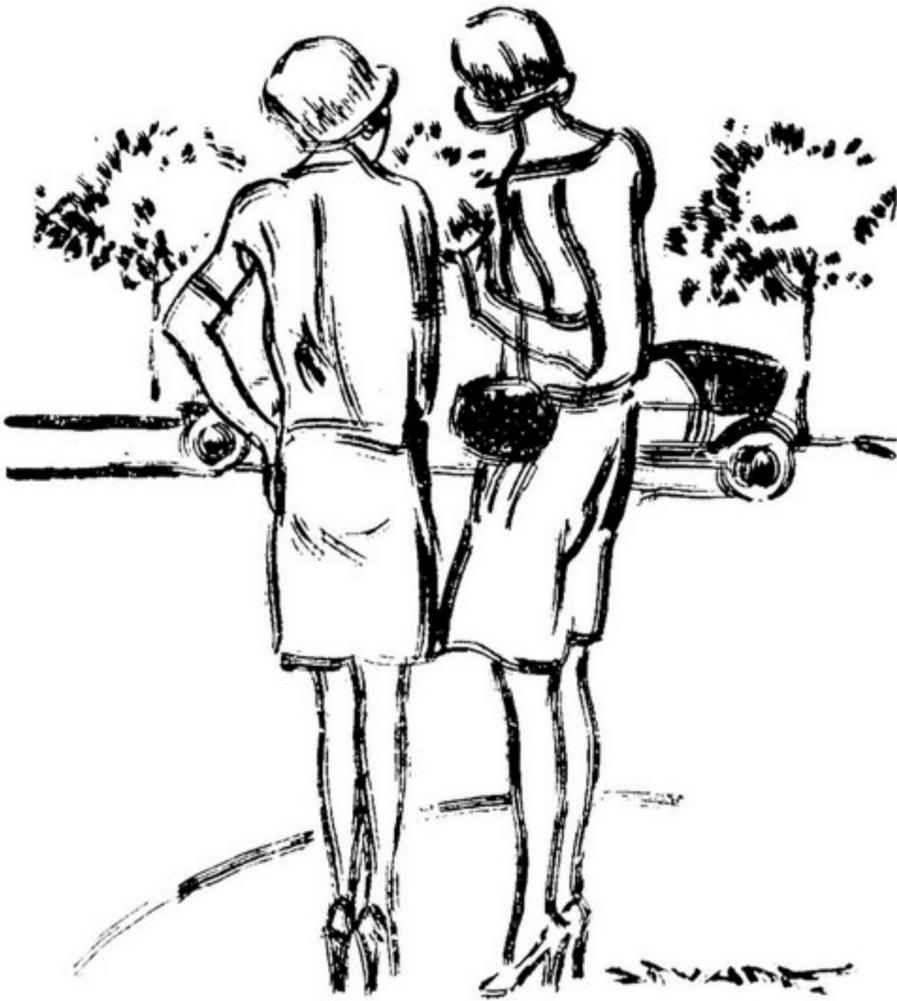
Quando me põho ás vezes a pensar nos tempos que lá vão, não me lembro d'actor mais popular e mais modesto, do que o pai Roldão! Pacatamente, longe das intrigas, banhos, e tão comuns de bastidores, nunca dei por pessoas inimigas deste homem, nem, sequer, entre os actores... No «Mên», consistiam seus regalos em ir do camarim p'ra scena e, desta p'ra o camarim, onde, nos intervalos, jogar ás «Damas era a maior festa! Mas havia uma coisa que bulla com os seus olhos e meditações...

dentro de Rilhafoles, pouco a pouco!... E o pai Roldão, com tanta e tanta lóá, já estava como louco!... Vai, então, certa noite em que o tal, no camarim, soltava, a grande voz, uma canção, serenamente, perguntou-lhe assim: —«O meu amigo gosta de cantar?» —«Imenso!—dis-lhe o outro. Acho fortuito, até, que alguém me venha perguntar!...» —Mas gosta mesmo muito, muito, muito? —«Claro, porque Roldão! P'ra mim, o canto é tudo!...» —«Então, não se dá ao trabalho de aprender...» —«Eu já não sei por que é que não aprendei...»

SILVA TAVARES



Maria Tereza Gomes do «O... venida» — uma actriz de mão cheia... de palmas



— Oh! filha. Espera um pouco. Deixa vê se passa um «chauffeur» que me costuma levar de «borla».

A COMEDIA DA VIDA

Com assombro e pavor, eu tenho lido ultimamente, no *Noticias* e no *Século* numerosos casos de meninas e rapazes que desaparecem de casa de seus pais e nunca mais voltam. Antigamente eram as raparigas bonitas que desarvoravam de casa. Chegou agora a vez dos rapazes. Com certeza que eles e elas não se lançam no caminho... marítimo da Índia, mas talvez no caminho... da perdição.

Eu, que não sou nada feio, antes pelo contrario, alarmei-me grandemente. Pudera! Quem tem... estas, tem medo, sempre ouvi dizer, e depois, lá diz e aconselha um velho dietado: — «quando vires as barbas do teu visinho a arder, põe as tuas de molho. Tomei em devida conta o conselho e puz também logo as minhas de molho. Não se riam, presadíssimos leitores, imaginando que eu tinha enchareado as minhas barbas em molho a espanhola, como se faz nos carapaus. Não digo disparates, nem faço *blague*. Falo apenas em linguagem figurada. Acautelei-me, é o que é, fechando-me, à noite, a sete chaves. Nunca abria a porta sem perguntar quem era. De dia, na rua, vigiava se por ventura era seguido por alguma pessoa suspeita. Eu não queria ser relatado nem desviado da senda da virtude.

Os meus receios tem bastas razões de ser. Para onde irão esses rapazes e essas raparigas que desaparecem de casa de seus pais? Quem os seduz? Quem os perde? E com que fins? Irão para longes terras, como a menina e moça de Bernardim Ribeiro? E que lhes fazem? Matam-nos? Esfolam-nos? Comem-nos vivos? Estas perguntas que a mim mesmo faço, estas duvidas que me torturam o espirito, dão cabo de mim. Se não desmalo de terror é porque receio que, para me fazerem voltar a mim, me dêem algum copo de agua da Companhia. Podia escapar da doença, mas morria com certeza da cura...

Pedi que se fizesse luz em volta desses misteriosos casos de desaparecimentos de meninos e meninas: os sexos. Mas, enquanto durar o conflito entre a Associação Comercial dos Lojistas e as Companhias Reunidas do Gaz e Ele-

ctricidade — não se pode fazer nenhuma luz, não se deve fazer luz. Faça-se luz, sim, mas nunca com 20 por cento de aumento — é o que me respondem os comerciantes da Baixa.

E, por isso, eu ainda não sei, para minha tranquillidade, se esses rapaziños e essas raparigas, no sairem de casa, irão para um convento ou para a famigerada *quinta do suniço*...

Assisti, ha tempos, num tribunal de provincia, a um julgamento sensacional. Uma linda mulher, rigorosamente vestida de preto, acusada de crime de envenenamento, sentada no ominoso banco dos réus. Seus lindos olhos pretos marejavam de lagrimas. Seu pranto comovia. O advogado de defesa, visivelmente comovido, rematou o seu discurso com estas palavras:

— Sr. juiz! Eu peço a absolvição desta mulher. Ela está innocente. Ficou provado que ela não envenenou o marido. Mesmo que não tivessem aparecido provas — bastava reparar na sua belesa e na eloquencia das suas lagrimas. Já Platão afirmou que a belesa era o resplendor da verdade. Só o que é belo é que é verdadeiro. Por isso, senhor juiz e senhores jurados, uma mulher bonita nunca nega a verdade, e quando, por acaso, a nega, é porque tem razão!

Ou porque o discurso convenceu o tribunal ou porque o tal marido era um marido sem importancia, o que é certo é que a mulher foi absolvida. A belesa é ainda um grande argumento. Depois, digam-me lá, com a mão na consciencia, se por acaso todas as mulheres que nos envenenam a existencia e a alma são condenadas? E não ha homens que se pelam por morrerem de amor? Outros que se matam com fosforos, tiros de pistola e outras *bugigangas*? E o ciúme não é o maior veneno na vida de um homem?

Aqueles romantico e apaixonado advogado tinha razão, chamando em seu auxilio a frase de Platão: — «a belesa é o resplendor da verdade». Depois, como me afirmou um dos jurados:

— Marido ha muitos, ha-os até de mais, e mulheres bonitas nem sempre aparecem.

Graça dos outros O titulo dum tango

Na rua:

— Meu senhor!...
— O que se passa?
— Tenho fome!
— Porque não trabalha?
— E' que se trabalho tenho mais fome...

* * *

O chauffeur:

— Onde vamos?
O freguês:
— E você o que lhe importa, contanto que lhe paguem?!...

* * *

No hotel:

O inglês — Não ha pulgas na cama?
O creado — Não, senhor! Mas podem-se arranjar...

* * *

Tomando banho, no Estoril:

Ela — Brr! Que fria está a agua!
Ele — E' para aprenderes a não vires tão despida tomar banho!

* * *

No tribunal:

O juiz — Está condenado em seis meses de prisão por ter feito batota no jogo das cartas! Tem alguma coisa a alegar?

O acusado — Sim, senhor juiz. Que o policia que me prendeu me entregue os cem escudos que lhe ganhei ao jogo...

* * *

A benemerita:

— O senhor está nas filas dos sem trabalho?
O vagabundo:
— Nas filas? Não, minha senhora. Estou á cabeça!...

* * *

No alfaiate:

— O senhor e capaz de dizer que estas calças lhe ficam mal! Estão-lhe que nem uma luva!
— Mas eu não quero uma luva; quero umas calças!

* * *

Dois espanhóis borrachos:

— Brindemos pelo Barbeiro de Sevilha!
— Mas eu não o conheço... Faça a barba em casa...

* * *

Dois amigos:

— Ha tanto tempo que não te vejo! Julgava-te morto...
— Homem não; senão dir-te-ia a mesma coisa...

* * *

A patrão — Onde vais com esses guardas-chuva?

O creado — O patrão disse-me que os guardasse, porque vem cá a casa os senhores que outr dia estiveram cá a ceiar.

A patrão — Meu marido receia que os levem?

O creado — Não, que os reconheçam...

Em toda a rua «e talvez dez léguas em redor», como no soneto de Julio Dantas, a menina Beatriz tinha fama de séria. E como a uma formosura pouco vulgar alia-va um pai bastante rico, os rapazes do sitio deram em chamar-lhe a «Venus de Milho». Tudo isto irritava as meninas casadoiras do bairro, que se viam despresadas pelos conquistadores do sitio em beneficio da desprevenida Beatriz, requestada por amor dela e por amor do dote...

— Pois quê? Então ela não se contentava em ser filha de um rico negociante, não lhe bastava ser bonita e ainda se atrevia a ser séria?

E as tesouras da vizinhança afixavam-se, aguardando a altura de cortar na desprevenida Beatriz. Essa altura chegou, certo dia, com grande gaudío das meninas vizinhas:—A Beatriz resolvera-se, finalmente, a namorar!

Descobriu-se então no escolhido pelo coração de Beatriz (que fino!) um caudal inexgotavel de imperfeições.—Que parva!—murmurava-se. Despresa o Alfredo, o «Arnesto», o Juca, o Chico, o alferes que cá coctuma passar, o aspirante que dantes passava mas já não passa, para passar a namorar um «chalado» daqueles, sem «linha», sem elegancia, que nunca vem de «taxi» e nem sequer usa monoculo!

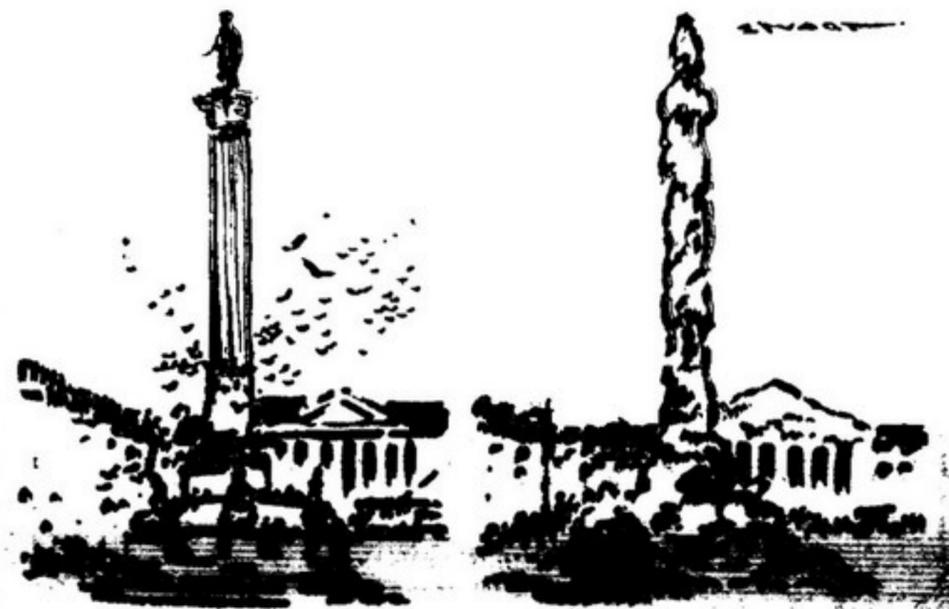
Passou-se algum tempo, troca de impressões amaveis a respeito do namorado da Beatriz até que um dia um escandalo rebentou, na rua, enorme, violento, colossal! A Beatriz, a pudica Beatriz, fugira de casa do pai e o mais interessante é que não fugiu com o namorado! Fugiu com outro! E o namorado que era um rapaz simpatico! tão fino! tão elegante! E o côro das donas vizinhas, superior aos cossacos do Don, blasfemava, vociferava imprecações sobre a leviandade da «Venus de Milho».

E' no Maxim's, um mês depois de ter abandonado o lar paterno, que vamos encontrar a Beatriz, dançando um tango com o amante que anda sempre de «tanga»...

A orquestra toca um tango interessante de que Beatriz gostaria de saber o nome. E curiosa como todos as «Beatrices» dispôs-se a pergunta-lo a alguém da orquestra.—Como se chama este tango? Interrogou para o violinista, entreabrindo num sorriso os labios batonados.

E sem deixar de tocar, o artista respondeu: «Não te deixes enganar!». A Beatriz teve então uma gargalhadinha sarcastica. Abriam-se-lhe os labios numa contração nervosa e respondeu com modos superiores:

— Se você me aconselhasse isso aqui ha um mês, ainda lhe agradecia, mas agora, tarde plaste!



O monumento do Rocío antes e depois da decoração pombalina

O primeiro sacrificio Elevador da Gloria

Num lugar chamado Mundo, viveu em tempos um bicho, que era conhecido pelo nome de Adão.

Quando apareceu, brotando da terra em horrída figura, encontrou-se muito só.

Debalde, ou antes, de concha, porque nesse tempo não havia baldes, percorreu em varias direcções o globo terraqueo.

Nas longas horas de vigilia, sentia um vacuo enorme na sua vida.

Todos os outros animais tinham os seus parceiros, só ele não.

Ainda catrapiscou uma grande macaca, que o despresou, com o argumento de que ele tinha pouco pelo.

Até que um dia lhe appareceu um anjo, chamado Serafim, caixeiro viajante das mansões celestiais. Foi uma alegria para o pobre Adão.

O anjo, apresentou-lhe palites de osso de mamuth, gramofones, navalhas de barba, etc., etc.

Mas não; o que ele queria era outra coisa.

—Caro amigo anjo. Tens coisas muito bonitas, não contesto, mas não terás por lá o bicho mulher? Compreendes não é porque eu seja mulherengo, isso não, com franqueza, franquezinha, preciso de alguém que me ensaboe o juizo! Manda-me, portanto, se te for possível, uma mulher, embora já com algum uso!...

—Tu não sabes o que estás a pedir, Adão! Queres desgraçar-te?! Olha, lá na loja, não queremos mulheres nem de borla. Não verificaste ainda que só ha anjos, «Anjas»... nem pintadas!... Mas, está bem, vou ver se lá no entulho, consigo arranjar-te qualquer coisa que preste. Mas nota: não te posso enviar uma mulher, sem a competente mamã, especie de orangotango, a que vulgarmente se chama sogra.

—Oh! Serafinsinho, da minha alma! Meu grande amigo! Isso não! Antes a morte pela astixia não haverá possibilidade de me arranjaras uma mulher orfã?

—Impossivel, Adão. As sogras são duma longevidade extraordinaria e á prova de fogo!

E batendo na testa:
—Espera! Posso-te arranjar uma mulher sem o competente estójo, mas para isso tens muito que sofrer. Tens de... tens de... Coragem, meu amigo! Agarra-te a mim e não calas... que eu aguento. Tens de dar-me uma das tuas costelas...

—Mas garantas-me sob tua palavra de honra, que não me mandas a sogra?

E a um sinal de assentimento do Serafim, Adão, pedindo licença, volta-lhe as costas e, prasenteiro, supplica:

—Anjinho! Tira de lá essa costeleta. Leva-me, se assim for necessario, todo o esqueleto...

A professora — Porque vieste tão tarde para a escola?

O aluno — O meu pai teve necessidade de mim...

A professora — E não podia utilizar outro que não fosses tu?

O aluno — Não, porque era para me dar uns açóites...

Na rua:

—Então o senhor ri-se daquela velhota ter caído? Que mau coração!

—O senhor faria o mesmo! E' minha sogra!

Pescando á linha.

—Ha peixes neste rio?

—Não sei...

—E ha quanto tempo pesca o senhor aqui?

—Ha vinte anos!

—Que fez você ás calças que outro dia lhe dei?

O mendigo:

—Tive que as vender. Toda a gente me dizia que um homem com umas calças tão bonitas não precisava de pedir esmola...

Na mercearia:

O freguês — A radieфонia ha de dar cabo dos jornais!

O mercieiro — Não me diga isso, homem! Onde hei de depois embrulhar a banha?

Aparando o golpe:

Ele: — Eu estava idiota quando carei contigo.

Ela: — Foi justamente o que toda a gente me disse.

Num baile:

—Estou certo que ele me tomou por um perfeito idiota!

—Não digas isso! Nada ha perfeito neste mundo!...

—Guilherme diz que me adora! Não acreditas?

—Porque não hei de acreditar? Ele diz isso a todas...

Novos ricos:

Ela — Não te aproximes do espolho.

Ele — Porquê?

Ela — Porque podes riscá-lo com o brilhante da gravata! Ele é tão grande!...

—Papá, recordas-te quando viste a mamã pela primeira vez?

—Sim, filha. Numa terça-feira, 13.



—Levanta-te Antonio que andam galunos cá em casa...
—Oh! Inha! Não vês que não estou de serviço...

HISTORIA DUM PATO

Alipio Tomé, era enfermeiro de bordo, e casado com uma mulher tão formosa, como irascivel e ciumenta. Moravam nessa época no Regueirão dos Anjos. Madame Tomé, muito prendada, sabia tocar piano, bordar a escama de corvina, e, desde que tinha conhecido um certo Pires, começou tendo grande queda... de cabelo... para a pintura a oleo, onde se revelou, dentro em pouco, um genio em tamanho natural.

Um dia Tomé chegou a casa e disse á consorte que lhe arranjasse a mala, pois tinha de embarcar para uma viagem de dois meses, á Argentina, por motivo do enfermeiro de bordo ter adoecido. Ela, costumada a estas continuas separações, fez-lhe a mala e ao separar-se dele, disse-lhe:

—«Olha, meu Alipio, eu sei que tu quando vais para essas viagens, me es sempre infiel, mas desta vez quero ter a certeza».

E tomando a paleta das tintas, embora em protestos do nosso Tomé, pintou-lhe no ombro direito, uma paisagem com um lago, no qual com manifesto aprasimento, nadava um pato de lunar brancura.

—«Mas que quere isto dizer?» — perguntou ele á esposa, quando esta tendo já deposto o pincel, se revia na sua obra.

—«Tomé, respondeu ela, no dia em que tu me fôres infiel, a paisagem, o lago e o pato, desaparecerão do teu ombro, ficando eu assim completamente convencida das tuas infelicidades, e, ai de ti! — se me appareces cá sem o pato... racho-te de alto a baixo!»

Ora, no vapor em que embarcou, seguia viagem para Buenos Aires, uma dama de peregrina formosura, que fez esquecer ao nosso Alipio, a esposa, a paisagem, o lago, o pato e a tremenda tarefa que lhe estava prometida.

E assim, ao chegar á Argentina nada existia já desde a paisagem ao pato, mas unicamente e recada da gmeça profetizada pela mulher do Tomé.

Bom... O tempo foi decorrendo até que o nosso bom Alipio chegou a

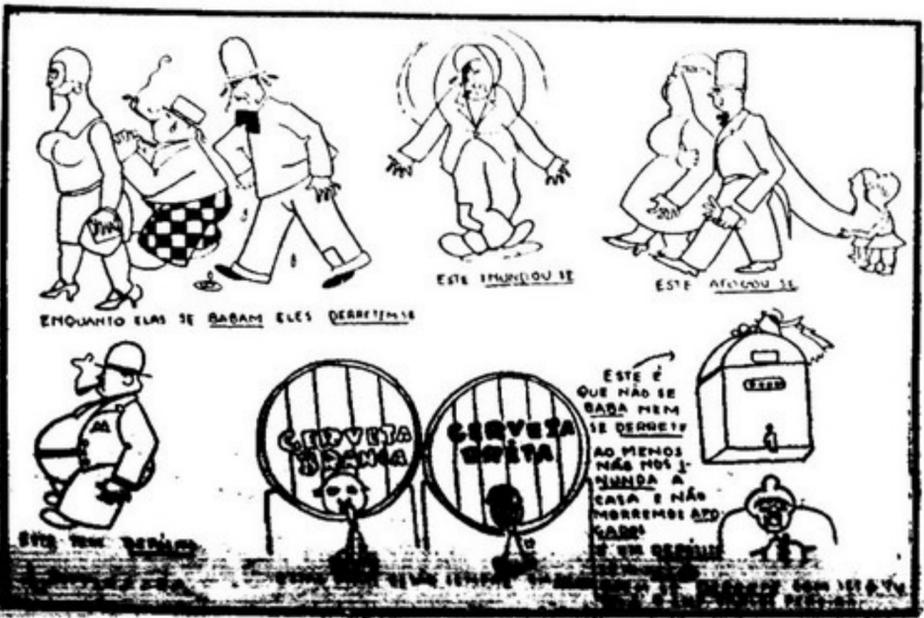
Lisboa em nebulosa manhã de dezembro, o que ainda mais veio aumentar os tristes pensamentos que sombravam a tés do nosso amigo, outrora tão galhofeiro. No entanto, como a cabeça não é só para pôr o chapéu, o nosso herói, resolveu dirigir-se a casa de um pintor seu conhecido, donde, após varias explicações necessarias, saiu com nova paisagem, pato e tudo, direitinho ao Regueirão dos Anjos, onde estreitou contra si a esposa já tão sofredora de infindas saudades.

Depois de mil caricias e impressões reciprocamente trocadas, madame Tomé, lembrou ao marido o pato, sim o pato clavicular da sua felicidade, e o nosso Alipio, exibindo os ombros nus, patenteou triunfante, e muito senhor de si, uma linda paisagem, com o tal lago e o pato que, apesar de uma viagem de dois meses, não parecia sentir-se fatigado.

—«Traição! ...Traição!... berrou madame Tomé, como pode ser isto? Então eu pintei a paisagem com o pato no ombro direito e agora apparece-me tudo no ombro esquerdo... Anda explica-te Tomé. Prepara-te para receberes o castigo prometido».

Então, Tomé, tartamudeando, disse que sim, que explicava, mas ela que não gritasse alto, por causa da vizinhança, e todo lacrimoso começou:

—«Minha lindinha, eu peço-te que me acredites. Olha, foi da seguinte maneira: — Uma noite destas, a bordo, estando deitado na entreponte a descansar, comeci a sonhar que em Lisboa chovia muito, torrencialmente, e que tinha havido como de costume cheia, aqui no Regueirão dos Anjos. Parecia-me ouvir os teus gritos de socorro, os teus lamentos, quando resolute, pensando em ti, e esquecendo o perigo que corria, me precipitei a salvar-te. Mas, desgraçado que fui, como estava a sonhar, portanto não na palma posse das minhas faculdades mentais, atirei-me ao mar, donde a custo me salvaram. E, meu amor, queres saber e lembrar-te? O momento do pato, como não estava costumeado á agua salgada, aproveitou a occasião... para passar de um ombro para o outro.



Quando o calor aperta...

Excêntricidade

Com a idade de setenta e cinco anos faleceu na povoação de Tipton, próximo de Codar Rapids, a senhora D. Mary Wich-hom, que durante quarenta anos não abandonou o leito um só dia, jurando que só dali sairia quando morresse. De facto a senhora D. Mary cumpriu religiosamente a promessa.

As amigas e pessoas de família procuraram por vezes desvendar o motivo que havia levado esta original senhora a tomar tão estranha resolução. Nenhuma conseguiu saber, na realidade, os motivos que a levaram a alhear-se do mundo nos últimos quarenta anos. A senhora Mary a todas as perguntas que lhe eram feitas respondia que só saberiam os motivos da sua resolução quando ela morresse, porque os deixaria expressos no seu testamento.

Quando do seu falecimento, a casa onde ela vivia encheu-se de curiosos e pessoas amigas, para ouvir ler o testamento.

Eis os motivos:

A senhora Mary, que veio dos Estados Unidos para Inglaterra expressamente para contrair matrimonio com Mr. Wickhom, uma vez na povoação do seu futuro esposo casou-se com o filho de Mr. Wicham. Este enfureceu-se tanto com a sua ex-nóiva e filho, que, para vingar-se da sua acção, casou-se com a criada desta.

A senhora Mary, esposa do filho de Mr. Wickhom, sentiu tão grande desgosto pela atitude do seu ex-nóivo que jurou meter-se na cama e permanecer nela até ao dia da sua morte.

Wickhom filho cuidou sempre carinhosamente de sua mulher, durante os quarenta anos que ela esteve na cama, passando a sua vida de matrimonio sempre em casa. Como a senhora Wickhom tinha uma considerável fortuna pessoal podia ter as maiores distrações, e apesar de estar sempre de cama a criada com a maior so-

Como se ama hoje

Na paragem do electrico ás 14 horas e 59.

ELE — (Chegando apressadíssimo) Ninguém! (consultando o relógio) Três Menos um... Disse-me que estaria aqui ás 15 horas e dois... Virá?... Não virá?

ELA — (aparece finalmente. Vem com um ar cansado).

ELE — Até que enfim!...

— ELA Cheguei atrasada?

ELE — Três segundos.

ELA — Como o tempo passa!

ELE — E' preciso que nos amemos depressa!

ELA — Ah, sim!...

ELE — E' claro! Negocios são negocios.

ELA — Nesse caso vamos a isso.

ELE — Masinha... Ia hereditar que não vinhas. (abraça-a violentamente).

ELA — (com peixão) Que ideia! Para chegar a horas tomei um taxi...

ELE — Taxi?!... Com trinta mil demonios!... Taxi... automovel... motor... magnetos, pneumatico... (afasta-se rapidamente).

ELA — Onde vais tu?

ELE — Tratar de um negocio de pneumaticos. (sai correndo).

ELA — (Em extase) Como ele me ama!

ELE — (voltando) Ganhei 150 contos.

ELA — O quê?! Já?!...

ELE — Sim... Mas de que estavam nós falando quando te deixei?

ELA — Do nosso amor...

ELE — E' verdade! Depressa! Dá-me um beijo... (beijam-se).

ELA — a vida é curta...

ELE — Abraça-me!

ELA — (aperta-o freneticamente) Sou tua! Ha dentro de mim uma força estranha que me impele...

ELE — Pele?... Ah! lá me esquecia... Pele... arminho, castor... lontra... casacos de senhora... (momento de saida).

ELA — Vais dar-me um casaco de peles?!...

ELE — Não. Vou fechar um negocio. (sai).

ELA — Outro?!...

ELE — (voltando) Ganhei 100 contos...

ELA — 100 contos!? Sou tua...

ELE — Para quê?

ELA — Para te amar!

ELE — Ah sim! Já não me lembrava! Em que alturas estávamos nós?

ELA — Ias dar-me um beijo...

ELE — Toma...

ELA — (depois de o receber) Ah!...

ELE — O que é que ha?

ELA — Parece-me que vou ser mãe...

ELE — Pois bem. E' preciso resolver isso o mais depressa possível...

ELA — Dentro de nove dias serás pai.

ELE — Teres que trabalhar!

ELA — Temos tão pouco tempo... Agora é tudo a vapor!

ELE — Vapor?... Vapor... Nafta... Aviões... Carreiras aereas... (vai para sair).

ELA — Mas onde vais tu agora?

ELE — Vou ver se arranjo dinheiro para educar o nosso filho...

SETE E MEIO

PARA A BELGICA

O nosso querido dr. Norberto Lopes tem sido vilima daquela formula nacional de despedida que consiste num abraço, em votos de boa viagem e num pedido:

— Traz-me de lá qualquer coisa.

E todos lhe pedem para trazer qualquer coisa, lá da Belgica.

O Artur Portela, sempre artista delicado, pediu-lhe rendas de Malines; e o Manuel Nunes, sempre de acôrdo com o Portela, tambem pediu rendas, mas, por ser amigo das coisas portuguesas, declarou preferi-las de Peniche.

Requereu Norberto Araujo um exemplar da tradução belga da «Novela do Amor Humilde»; e o Santos Jorge apeteceu-lhe, da terra dos flamengos, um autentico queijo flamengo.

— Isso é da Holanda, da terra do cêbo cêbo—informou o Mauricio de Oliveira, acrescentando que se o doutor fôsse a Suissa não esquecesse trazer fotografias da esquadra naval.

Carlos Ferrão não pediu nada, porque é pessoa de poucas falas, até para pedir; mas o Nobre Martins pediu noticias dos rapazes belgas do seu tempo.

O Andrade tambem não pediu nada da Belgica, porque foi buscar peças a França; mas o Mafra exigiu noticias do belga que tocou no carrilhão da sua homonima.

— Traga-me de lá duas espanholas—disse o Felix, pelo habito de se despedir de pessoas que vão para Espanha.

— «Na Belgica só ha flamengas e valonas. Escôlha» — respondeu a vitima.

E o Felix escolheu flamengas. E eu valonas.

ROGERIO PEREZ

Exemplares Agotados do «Sempre fixe»

Compram-se na Administração do «Sempre fixe» nos numeros 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 24, 25, 26 e 106, que se encontram esgotados nos nossos arquivos.

KINO
GRANDE SEMANARIO PORTUGUES DE CINEMATOGRAFIA
Sae amanhã o 4.º numero



Bem disposto como nunca

se sentirá toda a pessoa que tomar os comprimidos de Helmitol.

Ao fim de pouco tempo as dôres, devidas a padecimentos urinarios, desaparecem e as vias urinarias ficam bem desinfectadas.

Livre-se dos seus padecimentos das vias urinarias tomando

comprimidos de Helmitol

Depois da tempestade

volta o firmamento a oferecer-nos a beleza incomparavel do seu azul puro e immaculado; então sae do nosso peito, ainda opresso pela angustia, um profundo suspiro de alivio.

Assim opera a Cafiaspirina! Que sensação de alivio e bem estar sentimos quando a dôr desaparece!

V. Exa. não pode proceder de melhor maneira do que ter sempre á mão um tubo de Cafiaspirina para se proteger contra as dôres de cabeça, de dentes, de ouvidos, nevralgias ou enxaquecas. As Senhoras devem usa-la sempre para aliviarem os incomodos periodicos. Alem de que renima as forças sem atacar o coração nem os rins.

CAFIASPIRINA



Prosa de Cha-Velho

E' velha aquela resposta de um antigo toureiro a quem perguntavam que tal lhe ia a vida tauromaquica:

— Cá vamos, eu mais velho e os touros sempre da mesma idade...

Sem mesmo querer ofender quem foi generoso «ganadouro» e sempre famoso pintor, permitimo-nos aplicar o conto a um cavaleiro que com seu filho reapareceu na ultima tourada do Caripo Pequeno.

Ele é ainda perfeito equilibador e valente toureiro, mas vai avançando em anos ao passo que os touros são sempre da mesma idade.

E, em conclusão e repetindo outra velha sentença tauromaquica: «Os touros com cinco anos e os toureiros com vinte e cinco»...

Vinte e cinco mais ou menos terá o filho do artista simpatico a que nos referimos. Mas cometeu a imprudencia de se afastar do toureiro quando estava em pleno exito, quando era menino mimado de todos os portugueses e até dos espanhóis, caso inedito, pelo menos em serie e em corridas de tanta categoria como aquelas em que ele toureou.

Dois anos esteve fora do toureiro, e em dois anos acontecem muitas coisas. Acontece que se afirmou outro cavaleiro primoroso — João Nuncio — e que o cavaleiro retirado perdeu o treino, a forma.

Mas confiamos na alegre mocidade do filho prodigo que todos devemos receber com o vitelo da parábola.

Este «Alé» que eu conheço vai em vinte anos, e dos toureiros mais valentes que tenha admirado, e duma valentia que se não acaba, nem após a estadia americana de que saiu morto... vivo vivinho e saltar.

Discutem-no porque toureia nos terrenos dos valentes, nos terrenos onde Sanchez Mejias bandeirava e dava os seus valerosos «pases», sentado no estribo.

Discutem-no, mas o publico compreende a sua valentia, e aplaude-o.

Discutem-no, mas as empresas contratam-no e demingo proximo lá vai tourear ao Porto.

Discutem-no, que é precisamente o que convém a um toureiro.

E mal vai o toureiro que não é discutido...

EL TERRIBLE PEREZ

Soma e segue...

Da «Paulistana» recebem agora o alicar para o café que nos tinha enviado e uma carta muito amavel de agradecimento pelas noticias que temos publicado e acrescenta que já não deve faltar nada para que o «Sempre Fixe» passe o atestado definitivo a qualidade do café. Lamenta-se a «Paulistana» de não poder enviar tambem a agua, nem o edulcorante que nos dirigiamos ao sr. Carlos Pereira. Mas isso é o que a população de Lisboa anda a fazer ha uns poucos de anos e ainda não conseguiu nada. Decididamente a «Paulistana» agora está a mandar connosco.

Navegando nas mesmas aguas, a casa Jeronimo Martins, atendendo ao nosso reparo, remeteu-nos um quilo de assucar.

Os nossos agradecimentos. O magnifico café, com aquele esplendido assucar, ficou delicioso.

Agora já não falta nada. Quereis dizer, nós ás vezes gostamos dum copinho de licor a acompanhar.

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama
Sempre sortes grandes

DESSPORTOS

Grande viagem aérea duma vaca americana

Começaram as meias finais do campeonato nacional de football.

O Belenenses, como não podia deixar de ser:—empatou. Faz affeição aquêle team! Aqui cá, acollá se levanta...

Os médios de Belem é que estão contentissimos. Têm uma autentica epidemia de cardiacos e que aumentam de dia para dia.

O desafio em que o Benfica bateu o União foi uma maçada em 2 actos. Transcrevemos um periodo de uma critica:

Usando Vitor Hugo os santamarenses puderam descer algumas vezes pela direita e fazer perigar as rédes de Dyson.

Usando?! Essa agora! Isso não se faz! E nós estamos daqui a ver a justa zanga dum conhecido cri-

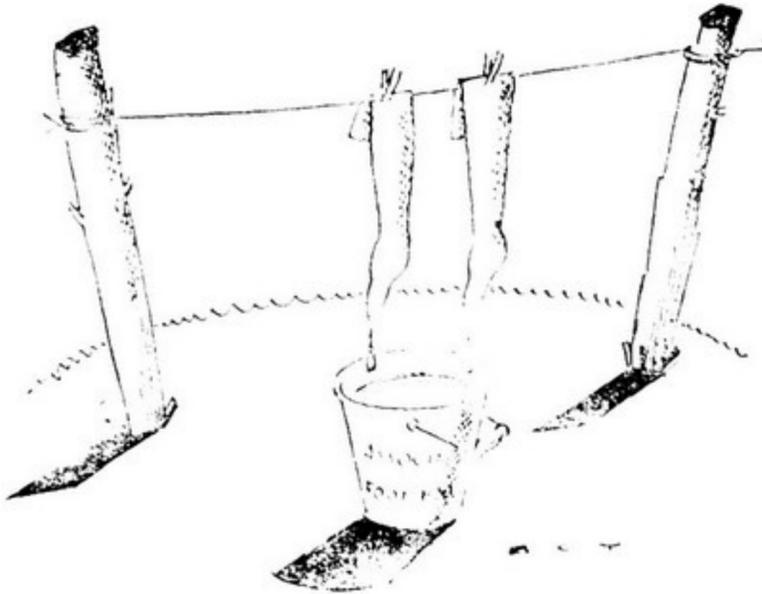
Mas o principe de Galles não toma o avião todos os dias; e as testas coroadas não têm por função exclusiva dar exemplos aéreos. De modo que ha que contentarmo-nos com passageiros menos sensacionais. Cita-se a viagem dum desportista, duma «vedeta» de teatro, duma «estrela» de cinema.

Mas ás vezes até estas personagens faltam. E então?...

E aqui está como nos foi possível ler que o balismo do ar tinha sido dado a uma vaca, por cima de Nova York. Parece até que a vaca ficou tão satisfeita com a viagem, que consentiu em se deixar mugir pelo caminho...

Foi muito bem recebido o suelto que publicámos no ultimo numero sobre os que andaram com as ballis

PÉS DE MEIA...



Continua a pingadeira das meias finais

tico universal por lhe ter usado o rapazião.

Numa grande cidade. Um homem novo e taciturno durante alguns minutos diante da montra do joalheiro. Depois entra na loja.

— O que é aquê objecto?—perguntou, designando uma taça que occupava o centro da vitrine.

— E' a Taça Penedo da Rocha, oferecida per este honrado comerciante da nossa praça para recompensar o homem que realizar a melhor performance em corrida a pé, durante este ano e no territorio do distrito. Note que a taça é em prata e ouro. O sr. Penedo da Rocha é um grande amigo do desporto e não hesitou em destinar cinco contos para este objecto...

— Cinco contos?! reptei o visitante admirado.

E agarrou na taça, saltou para a rua e poz-se a fugir, gritando ao joalheiro:

— «Vou ganhar a taça!» Parece que a ganhou bem porque não houve quem o agarrasse.

Os transportes aereos estão ainda balbuciantes. De modo que tudo serve para lhes fazer propaganda. Quando o principe de Gales consentiu em fazer o avião de apoio...

sas ás costas, nos tempos heróicos do foot-ball.

Os heróis verdadeiros aceitaram com entusiasmo a ideia do atestado.

... e as noticias das noticias que nos chegam, está imminente a fundação da A. D. Q. A. C. A. B. A. C.—ou seja a Associação Dos Que Andaram Com As Ballis A's Costas.

O emblema será constituído por um pau envolvido em cordas e encimado por um chinguico.

REBOLA-A-BOLA

Como eu vi os jogos de domingo

Nas Amoreiras um calor brutal Um forno, uma fornalha, um fogareiro. Os jogadores pareciam tal e qual Sardinhas a assar sobre um brazero.

Mais sol, mais calor, tudo fervia E para avantajar a ebulição. Ao pé de mim em grande gritaria Fervia em pouca agua um cidadão.

Devo dizer de antemão Que o cidadão em questão Pertencia ao «União».

Mais um empate. Jesus! Fico ás vezes a pensar Nesta grande empatação. E' bem pesada essa cruz Que Belem tem de levar Só para ser campeão.

Qual que vale um poema A tragedia de Belem Disse Belem Belemado Vou lá e cruz no estribo E se ganhar tucano De se arrebaldado.

A vantagem de ser pobre

A Mariazinha era como em geral todas as crianças, duma curiosidade por vezes embaraçosa para quem tinha de satisfazer as suas interminaveis perguntas.

Isto agravado pela extraordinaria precocidade e pela viveza dos seus irrequietos oito anos.

Era portanto necessario dar ás suas perguntas, respostas verosimilmes naturais, com poucas probabilidades de contradita, a fim de se tornarem aceitaveis á sua exigente apreciação.

Era sabido que uma resposta arranjada mais «ad-oc», sem grandes fundamentos provocava logo da parte dela, um cerrado chuvaireiro de objecções.

Ora um dia um velho amigo da casa, de preferencia escolhido por ela para a explicação das varias coisas que maior confusão faziam ao seu espirito infantil, foi mais uma vez abordado para o inquerito seguinte e a que ele por mais evasivas que procurasse não conseguiu fugir.

Queixava-se a Mariasinha de não ter outro mano para brincar, o que como é natural naquela idade lhe fazia uma differença colossal.

E sabendo já por anteriores explicações que os meninos são importados de Franca, lamentava-se que o papá não importasse um irmão, não se importando portanto com o isolamento e a tristeza em que a Mariasinha se encontrava.

O amigo da casa, que fugia sempre a inqueritos desta natureza, objectou-lhe que o papá de certo o não mandava vir pela despeza enorme que isso acarretava, porque estava tudo muito caro e porque essas encomendas, de mais a mais em o encarecimento dos cambias, eram muito caras.

— Mas, então, quanto pode custar um mano? — perguntou curiosa a Mariasinha, que nunca se convencera ás primeiras.

— Eu sei lá! — fez ele embaraçado — Nunca poderá custar menos de 2 ou de 3 contos... ou talvez mais...

A Mariasinha olhou-o muito admirada e quando ele já a supunha convencida, objectou:

— Mas nesse caso como se arranjam os pobrezinhos? E esses têm sempre tantos filhos!

Então o explicador entupido com esta objecção, na verdade irrespondivel, fez-se de varias cores, mas muito embaraçado teve ainda esta saída airosa:

— Pois sim... Mariasinha... mas be n vê... é que... é que... esses... apresentam atestados de pobreza... e não pagam nada.

A. C.

BERT AND IRMA'S LTD
FOTOGRAFAR
TEL. 7-25
L. M. CHIFFRELL
LIT. 1-1-1

OS DA SEMANA

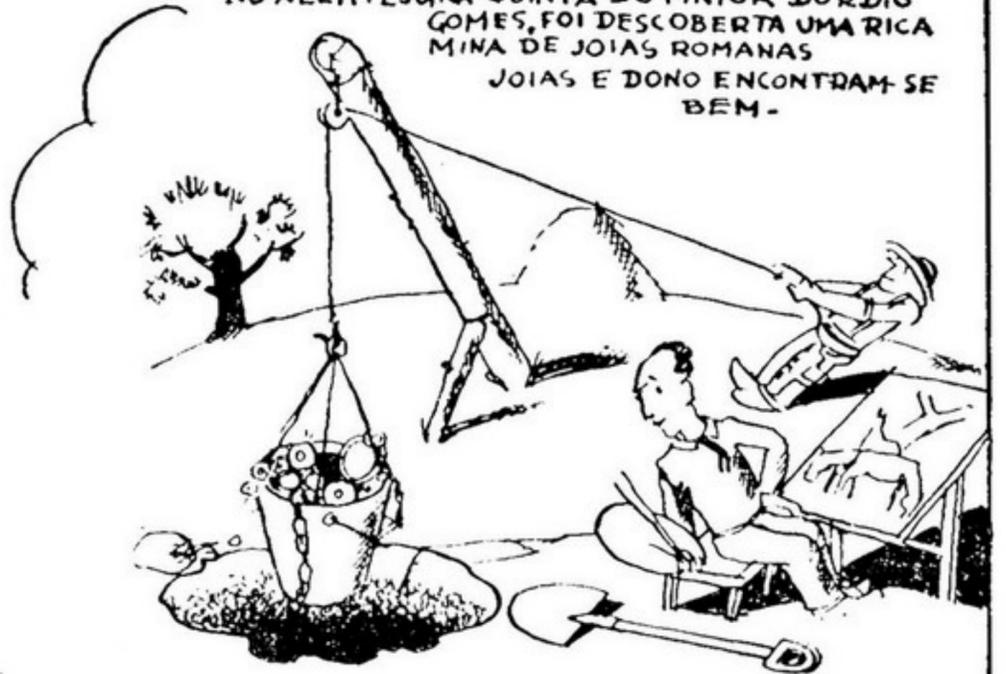
COMEÇOU A PEDINCHA PARA O SANTO ANTONIO COM QUE OS TRANSEÚNTES SÃO MIMOSEADOS É QUANDO ACABARA' ESTA INSTITUIÇÃO NACIONAL?



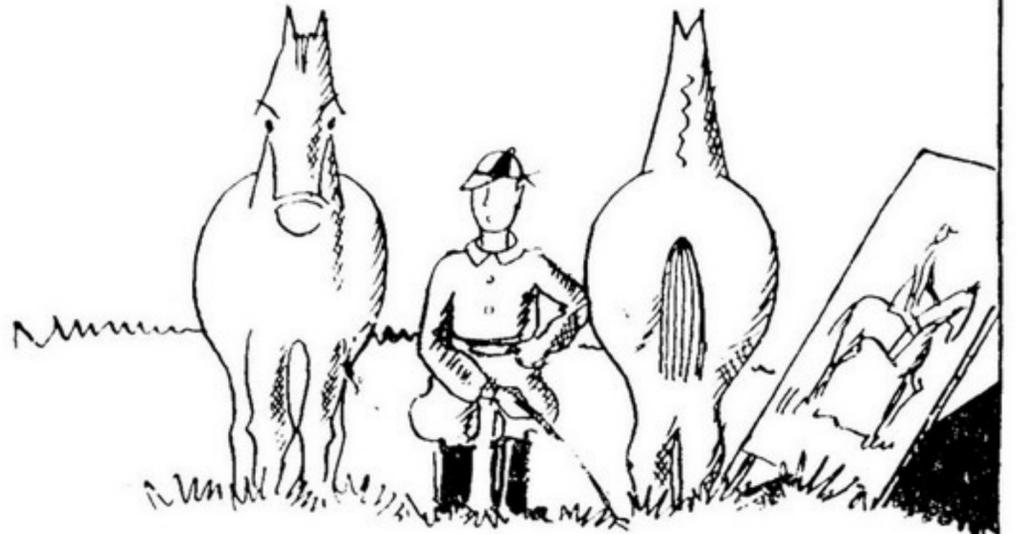
AFINAL AS 27 PARTEIRAS SÃO GENEROS DE LA QUALIDADE - SEM ELAS COMO HAVER CASAS COM ESCRITOS E CHOURIÇO BARATO?



NO ALENTEJO, NA QUINTA DO PINTOR DORDIO GOMES, FOI DESCOBERTA UMA RICA MINA DE JOIAS ROMANAS JOIAS E DONO ENCONTRAM-SE BEM-



COMEÇOU O CONCURSO HIPICO COM O NUMERO CAVALOS ESTAMPA' A QUE CONCORRERAM INUMEROS EXEMPLARES ENTRE OS QUAIS UM EM QUADRO A OLEO.



OS INDEPENDENTES CONTINUAM NAS MESMAS POSIÇÕES A DESAR DE GRANDES BAIXAS DE PREÇO ABELMANTA JA' FICOU SEM UM QUADRO QUE FREIRE LEVOU PARA O MUSEU DE ARTE CONTEMPORANEA

SABEMOS DE CHAFARIZ SEGURO QUE O MONUMENTO APROVADO SERA EM LOUÇA DAS CALDAS CONFORME O DESENHO EX POSTO

